

Ricupero: ajuste reduz segurança

Para ex-ministro, se cortar mais gastos, governo não terá como reduzir criminalidade nos grandes centros

ISABEL CLEMENTE
REPÓRTER DO JB

Algo muito grave e perturbador para o país é “uma cidade dominada pelo narcotráfico”, um sinal da “falência do Estado”. O comentário, do embaixador Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda e hoje secretário-geral da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), levou para o auditório do BNDES, na manhã de ontem, um tema quase esquecido no seminário que reuniu pensadores nacionais e estrangeiros.

O evento, em comemoração aos 50 anos do BNDES, atraiu cerca de 400 pessoas que lotaram o auditório do banco. A discussão sobre competitividade mundial dominou o debate, até Ricupero lembrar que não se pode deixar de relacionar a falta de desenvolvimento com o episódio da noite de anteontem, quando criminosos lidera-

dos pelo traficante *Fernandinho Beira-Mar*, no presídio de segurança máxima Bangu 1, fizeram reféns, eliminaram rivais, também presos, e levaram pânico a bairros do Rio.

– Não foram só os Estados, mas a própria União, que não foi capaz de resolver esse problema. Se o país tiver que cortar despesas, não vejo como resol-

ver o problema das penitenciárias, dos equipamentos, do treinamento e da remuneração dos policiais – disse.

Questionado se a saída seria o governo renegociar a meta de superávit fiscal para este ano com o Fundo Monetário Internacional, de 3,88% do PIB, Ricupero respondeu que o momento de crise internacional é

Rosane Marinho



“O país ainda tem necessidades que ameaçam a vida das pessoas”

de emergência e que, portanto, é preciso aceitar as metas e “não discutir com o bombeiro”. Lembrou, contudo, que é preciso ser realista e ver que o país ainda tem necessidades “que ameaçam a própria vida das pessoas, que é a segurança”. Por isso, sugere que o próximo governo reveja os critérios para atingir o superávit.

– Não numa atitude de ruptura, mas mostrando que é interesse do Fundo e dos credores que o Brasil cresça. Se o país exporta soja, é por causa da Embrapa, uma empresa estatal que não tem dinheiro nem para comprar a forragem dos animais. Quem vai investir em pesquisa? – comentou o embaixador.

A insegurança que domina os grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, atingiu, na opinião do embaixador, “um estado quase que de

calamidade pública”. Ricupero lembrou que o episódio do Rio é “perturbador” e não é o primeiro do país.

– Isso exigiria dos mais altos níveis do governo uma resposta pronta e imediata. As respostas que têm havido hoje no Brasil são inadequadas, visam o longo prazo. Estamos numa situação

quase como se estivéssemos sendo invadidos por um país estrangeiro. Não é um problema para ser resolvido daqui a anos – disse Ricupero, um dos debatedores convidados do painel “A nova agenda mundial”.

O descontrole das autoridades públicas sobre o crime organizado reproduz, no Rio, na análise de Ricupero, cenas comparáveis às da Colômbia, há 40 anos vítima da guerrilha. “É gravíssimo”, afirmou.

isabel@jb.com